

**RIBEIRO, C. O.**  
**O Princípio Pluralista**  
São Paulo: Loyola, 2020, 478p.  
ISBN 978-65-5504-030-2

Um manual temático, um caminho de discernimento, muitas inspirações, reflexões e provocações, um grande convite à revisão teológica, sociológica, mas especialmente um convite existencial. Sim, todas essas dimensões se fazem presentes na obra de Claudio Oliveira Ribeiro, *O Princípio Pluralista*. Venho aqui, através dessa resenha, te convidar a ter em mãos esse trabalho e se deixar envolver pelo denso mapeamento bibliográfico e reflexões pessoais que embasam a obra.

O livro revela uma tripla dimensão do autor – é autobiográfico, é fruto de mais de dez anos de pesquisa teológica e é provocação para a abertura sensível ao ser divino, nas inúmeras linguagens que buscam se aproximar do Mistério que passa por nós e nos seduzem a irmos além.

O eixo referencial que movimenta a pesquisa do autor é também o eixo de sua própria vida. É como se a pesquisa fosse uma linha contínua, que vai brotando e, ao mesmo tempo, firmando os passos do autor em sua caminhada pastoral, teológica e pedagógica.

Seu percurso existencial e esse trabalho estão alinhados, por isso mesmo cada página desse trabalho possuir um sabor diferente. Estamos diante de uma pesquisa muito qualificada, detalhada quanto às principais referências para o tema que persegue e fundamenta e, além disso, sentimos nessa densidade a presença carismática e apaixonada do pesquisador e escritor. A dialética entre o que Claudio Ribeiro pesquisa e estuda e a forma como esses estudos e discernimento críticos vão aterrissando em sua vida são notáveis. Digo isso porque tantas vezes lemos obras magnânimas, com todo louvor acadêmico e amplo material bibliográfico, o que é excelente. Mas, nem sempre é possível

se aproximar tanto das muitas dimensões que se articulam nesse trabalho e os caminhos históricos que Claudio Ribeiro vai trilhando, como se fosse “encarnando” os estudos, pouco a pouco, se deixando atingir, converter, agregar linguagens, desconstruir hipóteses e reconstruir novas possibilidades.

A segunda dimensão presente neste trabalho é a orientação teológica que o autor persegue, abrindo diante do leitor um grande mapa bibliográfico que reúne não apenas o pensar teológico, mas também as disciplinas que se entrecruzam no tema central deste trabalho: “*o princípio pluralista*”.

Na verdade, nosso autor está retomando uma atitude de fundo, necessária para a pesquisa e a reflexão teológicas, que consiste em trabalhar com as mediações culturais, críticas e analíticas em seus múltiplos olhares epistemológicos para as sociedades e suas dinâmicas históricas e contemporâneas. Essa atitude conduz a uma mesa transdisciplinar, na qual a teologia possui seu olhar específico, mas que escuta simetricamente as mediações que vêm das ciências humanas, das hermenêuticas filosóficas e antropológicas, das sabedorias originárias e populares, das desconstruções e novas construções que brotam da estética e da literatura.

Pensar o *princípio pluralista* demanda essa mesa transdisciplinar, que aponta para a complexidade das dinâmicas subjetivas e intersubjetivas e seus muitos braços, socioeconômicos, das culturas e cosmovisões, dos fundamentos antropológicos das muitas fés. É importante delimitar que há uma pergunta de fundo que orienta a obra: ela busca não apenas coletar e oferecer o amplo legado da teologia latino-americana, mas vai além. A partir desse esforço crítico e metodológico, ela movimenta novas perguntas que se tornam provocadoras e também norteadoras do quanto já se caminhou no eixo do *princípio pluralista*, mas também, o tanto que ainda é necessário caminhar.

O livro está organizado em quatro grandes partes: *Bases Teóricas e Conceituais Plurais*, *Pluralidade Metodológica*, *Pluralidade Religiosa* e *Pluralidade Antropológica*.

Na primeira parte, *Bases Teóricas e Conceituais Plurais*, em três capítulos bem encorpados, Claudio Ribeiro nos oferece uma boa revisão bibliográfica que confirmam sua perspectiva ecumênica, crítica e propositiva. Nesta etapa introdutória, o autor revisita três aspectos que considera fundamentais desde a sua juventude até os nossos dias. O primeiro aspecto diz respeito às fontes teológicas que embasaram sua formação, nos anos 80 e, a partir delas, o segundo aspecto seria a necessidade já emergente de ligar fontes teóricas e práticas pastorais e sociais. O terceiro aspecto, como que

decorrente dos dois primeiros, é a o tema da espiritualidade, por vezes ausente nessas articulações teológico-práticas. Na verdade, ao longo de sua análise ele vai demonstrando que houve uma ampliação de horizontes no que diz respeito ao método teológico, que hoje avança para reflexões que abarcam as dimensões subjetivas, ecumênicas e plurais. Além dessa abordagem, uma nova perspectiva ecumênica também se faz presente, com nova hermenêutica atenta à dimensão profética em nossos tempos e aos caminhos concretos para a vivência do *princípio pluralista*.

Nesta primeira parte, destacamos o caminho metodológico que integra a própria biografia do autor, seu percurso pastoral e teológico, com os processos de discernimento que a teologia experimenta, abrindo-se ao diálogo com as muitas teologias cristãs e suas interpretações e vivências. Com esse recurso metodológico, a obra propõe um caminhar lado a lado com os teólogos, seus desafios, indagações e proposições. Não sei se ela se dá conta de que, dessa forma, se torna uma mistagoga, que toma pela mão, sem se colocar à frente, mas como companhia. Através desse método, vai descortinando processos e reflexões, como quem faz uma viagem pelo tempo, reconhecendo onde estava e também convidando a uma leitura atenta entre fatos e proposições teológicas. É um recurso bastante original, pois assume proximidade e demonstra o quanto a teologia é leitura contextual e, ao mesmo tempo, hermenêutica e profecia.

Nessa estrada, percorre o momento paradigmático de renovação teológica e pastoral no Brasil e América Latina dos anos 80. Em um Brasil esperançoso, fase final da ditadura, emergem propostas de transformação social com as quais a teologia dialoga revendo tanto sua compreensão de mundo e relações, como as estruturas necessárias para responder ao novo tempo que já era semeado nas comunidades. Claudio Ribeiro nos conduz pelas reflexões de Rubem Alves, Leonardo Boff e então, os grandes teólogos da libertação, da leitura popular da Bíblia, a articulação entre teologia e prática e as análises parceiras que chegavam das mãos dos cientistas sociais. Não podemos deixar de nomear a paixão pelas Comunidades Eclesiais de Base, onde Claudio Ribeiro experimenta o alargamento metodológico e teórico nas bases populares, e consegue tocar e se deixar converter pela convivialidade eclesial. A teologia se faz chão, se faz povo, se faz releitura, e abre muitas perspectivas não apenas para o autor, mas para o caminho teológico que bebe nestas fontes históricas. “A comunidade é a nova realidade social a partir da qual se elabora uma nova eclesiologia. [...] A comunidade se define em sua relação dialética e ambivalente com a instituição, e é uma criadora de significações” (p. 100).

Nessa integração entre teoria e prática, ou seja, nessa práxis, o autor segue sua trajetória em organismos que darão lugar e espaço hermenêutico para as reflexões e encaminhamentos eclesiais e sociopolíticos.

Ainda nessa primeira etapa, o autor nos conduz a uma interlocução entre a teologia latino-americana e a teologia europeia de matriz protestante, especialmente pelas mãos e reflexões de Karl Barth e de Paul Tillich: duas mãos que se unem no caminho ecumênico, mas, especialmente, fundamentando este caminho nas dimensões dinâmicas, livres e interpeladoras do espírito de Deus.

Mantendo seu fio condutor, o autor perscruta sinais de ruptura e de continuidade para a constituição do *princípio pluralista* na Teologia de Rubem Alves, em diálogo fecundo com as experiências pastorais e políticas de alguns setores latino-americanos. A Teologia da Libertação dá seus primeiros passos, com novas produções teológicas e mudanças significativas nas orientações pastorais e, nessa trajetória, também desenvolve sua autocrítica pelas mãos de Hugo Assmann, Juan Luis Segundo, Julio de Santa Ana, José Comblin e, mais adiante, pelas mãos de Ivone Gebara e Marcella Althaus-Reid.

Nesse percurso, Claudio Ribeiro demarca que esses são autores e autoras fundamentais para compreendermos e firmarmos a importância do *princípio pluralista*. “Entre as diversas críticas, destacamos a necessidade de a produção teológica se livrar dos ‘cativeiros eclesiásticos’ e adquirir perspectivas mais plurais. Além disso, valorizar a concepção do Reino de Deus como realidade teologal” (p. 133).

Seguindo de mãos dadas com o autor, ele nos conduz a um dos capítulos mais sedutores de seu trabalho. No capítulo 3 da primeira parte, apresenta as reflexões mais recentes sobre “o valor dos entrelugares e fronteiras e do conceito de polidoxia para a compreensão do pluralismo”, no qual se torna mais evidente a relação entre a religião e cultura. O debate assume análises a partir das muitas linguagens da religião, sobre as incidências do pluralismo, especialmente as de fundo antropológico e suas conexões socioculturais, “como as que se relacionam com as dimensões da alteridade nas relações humanas e do lúdico, com a corporeidade e com a sexualidade, especialmente” (p. 138).

Através de sínteses desafiantes, pois cada um dos pensadores desta etapa é extremamente complexo, o autor nos apresenta as contribuições de Homi Bhabha, de Boaventura de Souza Santos, e de Kwok Pui-Lan quanto às concepções de entrelugares e fronteiras. Se até aqui, o tema do alargamento de horizontes metodológicos já se apresentava, neste capítulo há um convite

radical para novas epistemologias, novos olhares e ampla disponibilidade para desconstrução de processos que conduziram as reflexões teológicas por lugares já conhecidos e, por isso mesmo, aparentemente, mais sólidos. Neste capítulo, o leitor ainda se encontra com Nestor Canclini e com as perspectivas que chegam do pensamento decolonial, a partir de Anibal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignollo.

Podemos então, adentrar à segunda parte da obra, e estaremos diante de uma revisão bibliográfica de peso. Na verdade, o próprio autor nos fala sobre o esforço necessário para responder às demandas que chegam em vista não apenas de uma apresentação bibliográfica, mas que inclua também perspectivas críticas, propositivas e criativas na direção do *princípio pluralista*.

Nesta etapa, Claudio Ribeiro trabalha em três eixos. No primeiro, ele mantém sua metodologia e apresenta o tema fundamental da bipolaridade, seus esquemas reducionistas e conseqüente abandono das dimensões de complexidade sociais, econômicas, culturais, ambientais, políticas e, portanto, também afetando o pensamento teológico. No segundo eixo, veremos o tema da relação entre a espiritualidade e as formas plurais de subjetividades. No terceiro eixo, ele se debruça sobre as teologias e suas repercussões sociais, políticas, ou seja, na vida pública.

Portanto, aqui se abre o debate sobre a interação entre economias, políticas, compreensão de desenvolvimento humano e social, como também quanto aos processos de globalização. O autor segue indicando a percepção de complexidade sistêmica, que vem se contrapor a análises lineares e desenvolvimentistas e fundamentar ainda mais a necessidade de que as reflexões teológicas sejam realizadas no campo plural da transdisciplinaridade.

Esses pensamentos aterrissam na realidade pastoral popular, pois nosso autor entende e defende o princípio pluralista como práxis teológica, como eco, convocação e hermenêutica a partir do universo existencial, cultural e simbólico do povo. Analisar as mediações sociopolíticas desemboca em uma grande revisão da prática pastoral, “a fim de dar lugar a uma compreensão de vida e da fé com um caráter mais ecumênico e plural” (p. 185).

Mantendo seu gênero literário, Claudio Ribeiro dialoga com a própria pesquisa. Neste ponto se defronta com sua formação até aqui e se questiona sobre certa linearidade nas vozes teológicas. Inspirado em Martin Buber nos diz que “somos textos para serem interpretados [...] conjugamos a vida no plural” (p. 189). Com essa motivação, adentra ao universo das vozes não uníssonas, a caminhos não tão lineares, aos ‘atos de criatividade cultural’

lembrados por Paul Tillich, às muitas leituras teológicas, inclusive além dos limites de algumas compreensões eclesiais, como, por exemplo, a poesia.

É neste mesmo sentido que o autor nos apresenta a emergência das subjetividades e sua centralidade no debate sobre o *princípio pluralista*. O tema das hermenêuticas bíblicas se faz presente, revisando suas ênfases e também suas lacunas, como, por exemplo, o encontro com a vida, com a fé, com a fragilidade humana, com as múltiplas formas de vida comunitária, com a dimensão da corporeidade e a dimensão cósmica. Uma proposta de integração na qual a espiritualidade ganha novas perspectivas e concretudes: “*É importante que se busquem outros referenciais que transcendam a imanência do mundo empírico e que sejam capazes de animar e de dar esperança, para mim e para tantas pessoas e grupos que carecem de vida*” (p. 205).

Em sua revisão da teologia latino-americana, o autor apresenta as culturas religiosas africanas e indígenas e suas desafiadoras leituras teológicas trazendo novos referenciais para o pluralismo, para além da racionalidade cristã ocidental.

Na terceira parte do seu trabalho, o autor dirige todos os olhares para o pluralismo religioso, considerando as principais referências no tema no quadro contemporâneo, tanto no que diz respeito às leituras conjunturais, como àquelas de cunho mais teológico. Percorrer essa trajetória com nosso autor é uma viagem de profunda revisão dos referenciais nos quais fundamentamos nosso pensar e agir, uma saudável provocação. Aproveitando a metáfora da trajetória, Claudio Ribeiro nos conduz por aldeias conhecidas e desconhecidas: as relações economia-religiões, as compreensões do conceito de religião, os estudos pós-coloniais, as repercussões das visões imperialistas e seus desafios éticos.

No capítulo seguinte ele nos faz viajar pelo cenário religioso brasileiro, relacionando as formas eclesiológicas, as matrizes culturais, a diversidade, as pertencas múltiplas, mas também, as dimensões de intolerância e fundamentalismos, igualmente presentes.

Um tema central que o autor sustenta nessa etapa é o da Cristologia subjacente às posturas dialógicas ou que rejeitem um diálogo mais amplo, ou seja, qual a Cristologia que está por trás das posturas mais ou menos pluralistas. Nessa pesquisa são fundamentais os debates sobre os temas da salvação, do diálogo e, mais uma vez, suas implicações éticas sociais e ambientais.

Sem desmerecer todo o caminho feito até aqui, aliás, como consequência deste, o capítulo 10 é um grande convite ao *princípio pluralista*. Nele,

Claudio Ribeiro abre a perspectiva para muitas possibilidades que brotam deste princípio, ou seja, enraizados no princípio pluralista, o que já podemos perceber como caminhos dialógicos, e o que é fundamental manter, investir, criar. Citando Amaladoss, o autor afirma “um caminho alternativo deverá ter, entre outras, três características: apoio à vida, experiência de vida em comunidade e consciência de transcendência. Para dar corpo a essas perspectivas, temos necessidade de comunidades contraculturais(...). Elas não devem ser institucionais, nem liminares” (p. 362).

Adentramos agora à quarta parte deste trabalho denso e, ao mesmo tempo, mistagógico, pois vai nos conduzindo para dentro do Mistério numa atitude muito cotidiana, próxima e de densidade teológica e espiritual. Nesta etapa, o autor avança em perspectivas teóricas plurais, retomando as noções de fronteira e de entrelugares das culturas, mas também, as análises que valorizam a complexidade e a emergência de subjetividades, a polidoxia, a pluralidade e a ecumenicidade (p. 383).

Todas essas perspectivas brotam de um mesmo eixo: a concepção de alteridade e suas consequências para a teologia e para as ciências da religião. Contudo, é interessante observar como Claudio Ribeiro aprofunda o tema através das dimensões de análise do mesmo, quais sejam, as relações entre alteridade e poder, a noção bíblica de alteridade, a abertura dialógica e seu fundamento na teologia trinitária e a mística de alteridade (p. 386). Nesta etapa, salta aos olhos uma intenção que alinhava a pesquisa e seu alargamento teórico e metodológico, como um fio dourado que vai relacionando cada dimensão: a profunda integração entre espiritualidade e a centralidade ética. Ou seja, estamos diante de uma excelente revisão da literatura e pensamento contemporâneo, que tem por base um olhar epistemológico sensível a atitudes redutoras ou violadoras do humano e, por isso, a necessidade de práticas concretas de superação, como também de humanização e compromisso com a ecologia. Citando Maria Clara Bingemer, o autor alicerça essa proximidade salvífica e kairológica: “A divindade amorosa que busca redimir a humanidade é o balizador ético que impulsiona todo e todas a fazerem o mesmo ato redentor” (p. 399).

Dentre os teólogos e teólogas que dão as mãos nesta abertura e fundamentação do princípio pluralista, o autor nos convida a aprofundar as abordagens de Jürgen Moltmann, com a Pneumatologia integral; de Leonardo Boff, com a Espiritualidade Ecoteológica; e de Ivone Gebara, com a Teologia Ecofeminista. E, como parte desse tema tão relevante, com eixo nas alteridades,

a dimensão da corporeidade e a dimensão lúdica são as contribuições que nos chegam ao final desta etapa. Duas dimensões recentes no campo do princípio pluralista e, no entanto, sem esse olhar específico as estruturas dialógicas se tornam comprometidas.

Aqui, o autor nos provoca a não deixar de lado a corporeidade, a sexualidade, os desejos, as dimensões místicas, lúdicas, festivas, o empoderamento de grupos subalternizados, enfim, aos entrelugares e formas plurais de vida (p. 438). São realmente novas linguagens teológicas que muitos pensadores ainda estão buscando se aproximar e que articulam a relação fundamental entre a Antropologia e a Teologia.

Enfim, esta é uma obra para ser estudada, com uma excelente revisão bibliográfica que cumpre suas principais intenções, de não apenas fazer o mapeamento, mas de contribuir para o alargamento metodológico dos temas que dialogam com o *princípio pluralista*, tanto no campo da Teologia latino-americana, como no campo da Antropologia e das Ciências Sociais, no que concerne aos cruzamentos dentro da temática central. Fruto de anos de trabalho e pesquisa, mas também fruto da própria biografia do autor, estamos diante de uma proposta que é também encantadora, por sua coerência entre teoria e prática, entre pesquisa e biografia, entre busca e abertura dialógica.

Agradeço ao autor a dedicação, a seriedade, a criatividade, a poesia entremeando os capítulos, o passo a passo pedagógico e até mistagógico em muitas páginas. O livro vale um curso, um grupo de estudos, um círculo hermenêutico, mas, principalmente, a própria revisão e aprofundamento do *princípio pluralista* em seu caminho histórico, principalmente em solo latino-americano.

***Rosemary Fernandes da Costa***

Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: rosenandescosta@gmail.com